

## UMA FOICE DA IDADE DO BRONZE DE S. PEDRO DO CRASTO (FERREIRA DO ZÊZERE)

Salete da Ponte

Esta peça foi achada<sup>(1)</sup> ocasionalmente no decurso de uma prospeção pedonal no mês de Novembro de 1994, junto à vertente do lugar sagrado com orago, em S. Pedro do Crasto, um pouco a juzante da capela daquele santo. Foram recolhidas, para além da foice de talão e lâmina nervurada (Est. 1.1), alguma escória de ferro (Est. 1.2), e vários fragmentos de cerâmica comum, bastante grosseira. Estes fragmentos parecem-nos significativos, para que sejam ilustrados, embora tivessem sido achados junto de um escorrimento de terras xistosas e quartzíticas, provocado pela acção das águas das chuvas. Este conjunto de testemunhos materiais encontrados na margem direita do rio Zêzere (Fig. 1) denuncia a existência de um povoado do Bronze Final, cuja área residencial e cultural ocuparia, respectivamente, o espaço geomorfológico correspondente à povoação actual do Maxial, lugar a poente da capela de S. Pedro do Crasto.

O monte de S. Pedro, designado igualmente por Castro de S. Pedro, situa-se no extremo este da freguesia de Ferreira do Zêzere, junto ao rio do mesmo nome. Aquela elevação, com uma inclinação de 30 graus, em todas as vertentes, é cingida a norte pela ribeira do Vale do Castro, a sul pela ribeira da Sobreira do Fato, a poente protegida por

uma estrutura defensiva e a oriente pelo rio Zêzere.

As formações geológicas do outeiro do Maxial e de S. Pedro do Crasto apresentam uma estrutura imbricada e um afloramento constituído por xistos, grauvaques e quartzitos da base do Silúrico e do Devónico Inferior<sup>(2)</sup>, tal como a “sul de Dornes, e de modo característico, a Zona Centro Ibérica (ZCI) imediatamente junta no contacto com a Zona Ossa-Morena (ZOM)”<sup>(3)</sup>. Por outro lado, as fontes arqueo-históricas não permitem, neste momento, garantir que a actual povoação do Maxial teria correspondido a um povoado de altura, fortificado, e S. Pedro do Crasto a um recinto funerário e sagrado do Bronze Final. Os vestígios arqueológicos existentes em ambos os lugares, assim o fazem supôr.

Há estruturas habitacionais e defensivas no outeiro do Maxial, que poderão corresponder a um povoado proto-histórico, carecendo, todavia, de ser testado pela evidência arqueológica.

S. Pedro do Crasto foi, pelo menos, na época romana, solo sagrado, conservando, além de um conjunto de inscrições epigráficas<sup>(4)</sup>, vestígios de um *podium* de um templo e diversos elementos arquitectónicos, tais como um fuste e um capitel coríntio romanos.

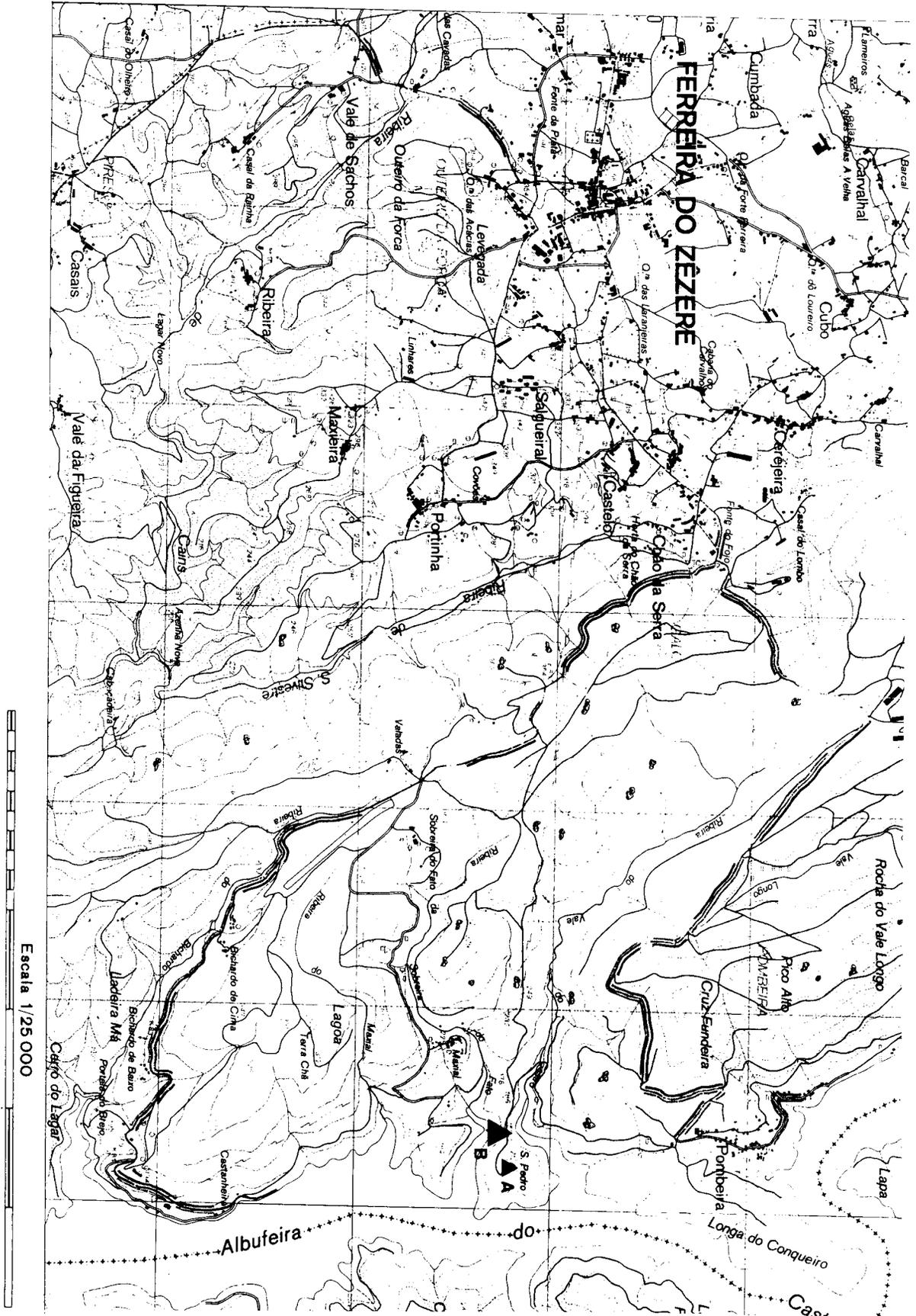
(1) António Martiniano Ventura e Luis Ferreira, técnicos da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Tomar foram os autores do achado ilustrado.

(2) Cf. Carlos Batata, Castro de S. Pedro (Ferreira do Zêzere), *Boletim Cultural*, Tomar, 14, Março 1991, 11-23 (p. 12).

(3) Cf. Luís Conde, *Excursão geológica na região de Ferreira do Zêzere*, Coimbra 1984.

(4) Cf. Batata, op. cit., (nota 2), pp. 20-23.

Fig. 1 — Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25.000, Folha 300 (1947) A = Capela de S. Pedro do Crasto; B = Local da foice em bronze.



Estas achegas arqueológicas fazem supôr, pela recolha ocasional de vários testemunhos materiais proto-históricos, nas imediações do monte de S. Pedro, que o lugar poderia ter sido ocupado por comunidades do Bronze Final.

A foice de talão e lâmina nervurada (Est. 1.1), semelhante a tantos outros exemplares conhecidos no território português<sup>(5)</sup>, é do tipo *Rocanes*: a lâmina apresenta uma nervura correndo da base do talão à ponta partida da peça; o talão é nervurado e rematado por uma dobra sobre o anverso, com forma semi-circular para apoio ao cabo; o reverso é liso; o dorso é espesso e arqueado e o gume incurvado, denteado e gasto pelo uso<sup>(6)</sup>.

O molde de fundição para foices achado no Casal de Rocanes (Sintra) permite conhecer a técnica de fabrico usada para a produção destes artefactos sem alvado. Por outro lado, as análises

espectográficas efectuadas ao conjunto de Coles de Samuel<sup>(7)</sup> e de Ervedal<sup>(8)</sup> permitem diferenciar os artefactos importados das cópias locais, graças à composição das ligas metálicas. Estes artefactos associados a pontas de lança, a machados de talão e de alvado, a objectos de adorno (braceletes maciços, fíbulas, pentes, espelhos, torques) e cultuais (carros votivos), de influência extra-peninsular, bem como a cerâmica de tipo Baiões-Sta. Luzia, tipo Penha e Lapa do Fumo do Bronze Final, têm sido datados entre 900 e 800 a.C. A produção destas foices metálicas indica, para além de uma importante actividade agrícola, um horizonte cronológico que, no nosso entender, não deverá ser anterior aos meados do Séc. IX a.C., prolongando-se até aos inícios do VIII a.C., como nos sugerem alguns indicadores propostos por Monteagudo<sup>(9)</sup> e Coffyn<sup>(10)</sup>.

---

<sup>(5)</sup> Cf. Maria Amélia Horta Pereira, O Esconderijo do Bronze Final de Coles de Samuel (Soure), *Arqueologia e História*, III 1971, 7-23. A autora refere-se a exemplares semelhantes em Porto do Concelho (Mação), Pragança, S. Martinho de Rio Maior, Pedreiras (Sesimbra), Évora, Santiago de Cacém, Mértola e Casal de Rocanes (Cacém), um molde de fundição; Cf. A. Coffyn, Une faucille de l'âge du bronze à Conimbriga, *RG*, LXXXVIII, 365-367, fig. 1; Cf. id. ibidem., La fin de l'âge du bronze dans le centre-Portugal, *AP*, Série IV, 1 1983, 169-196. O autor data este tipo dos inícios do Séc. VIII a.C.

<sup>(6)</sup> As dimensões da peça são: Arco Dorsal-54mm; Arco do Gume-40mm; Larg. da Base-17mm; Espessura da Dobra-0,4mm; Altura do Talão-12mm; Espessura Média da Foice-2mm; Peso-109,8grs.

<sup>(7)</sup> Cf. Pereira, op. cit., (nota 5), 7-23.

<sup>(8)</sup> Cf. Coffyn, op. cit., (nota 5), 185.

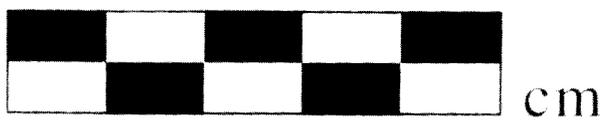
<sup>(9)</sup> Cf. Pereira, op. cit., (nota 5), 14.

<sup>(10)</sup> Cf. Coffyn, op. cit., (nota 5), 189.

Est. 1



1. Foice de talão.



2. Escória de Ferro.